

RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

(Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no Correio Popular, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas).

127. SOBRE VIDAS EM FATOS

Isnard Rocha é um ilustre pastor evangélico que, ao fazer jus à aposentadoria após mais de quarenta anos de exercício do ministério em diversas igrejas metodistas, passou a residir na encantadora cidade de Atibaia, onde, sem prejuízo de eventuais participações em atividades pastorais, dedica-se carinhosamente ao estudo da história de sua comunidade religiosa. Publicou, já, diversos livros de interesse para a história da Igreja Metodista: **Pioneiros e Bandeirantes do Metodismo no Brasil**, **Pepitas de meu Garimpo** e **Recordações sobre Vidas e Fatos**, que me sugeriu estes comentários.

Tive-o como contemporâneo no Granbery, o famoso colégio metodista de Juiz de Fora. No mesmo ano em que concluí o curso secundário, concluiu ele o curso teológico, ordenando-se pastor e servindo com extrema dedicação à sua comunidade. Na ocasião, fazia poucos anos que a Igreja Metodista se emancipara, tornando-se uma igreja nacional, inteiramente desvinculada da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos. O primeiro bispo “brasileiro” da nova igreja foi o velho missionário J.W. Tarboux, o qual, embora nascido nos Estados Unidos, desenvolveu toda a sua carreira religiosa em nosso País. Mas antes que tal acontecesse, o trabalho metodista no Brasil (que, na época, se estendia de Minas Gerais ao Rio Grande do Sul) foi superintendido por bispos norte-americanos, designados pela Igreja-mãe, e em número de onze, todos eles biografados por Isnard Rocha na primeira parte de seu livro. Desde Granbery (que deu nome ao colégio em que estudamos) até Cannon Junior, as pequenas biografias que o autor traçou de cada um deles constituem preciosos subsídios para a história metodista, antes do ato de emancipação de 1930.

Mas, não são apenas os bispos americanos que ocupam lugar de destaque no livro do pastor de Atibaia. Como ele próprio escreveu na introdução, os nomes nele ventilados trarão à memória “gratas recordações, que lembram pessoas amigas”, que os leitores filiados à sua comuni-

dade certamente conheceram “na maravilhosa estrada da existência”. E com este espírito, quase cinquenta vultos significativos do metodismo brasileiro desfilam, todos eles marcando, de uma forma ou de outra, sua presença e atuação na história da organização eclesiástica a que pertenceram. Com exceção dos bispos americanos, todos os demais foram pessoas do convívio do autor, razão pela qual seu livro reflete, também, um sentido de reminiscência, que lhe dá um toque bastante humano. Com seus livros, Isnard Rocha junta-se a tantos outros que têm cuidado da história do metodismo no Brasil: James Kennedy, Paul E. Buyers, Gonçalves Salvador, Duncan Reily, para citar apenas os mais conhecidos. (13-3-1985)

*

128. VIAJANTES ESTRANGEIROS NO ESPÍRITO SANTO

Em nota publicada nesta mesma folha, em 23 de março de 1983, intitulada “Dois outros príncipes alemães”, fiz referência à Princesa Teresa da Baviera, que viajou pelo Brasil em fins do século passado, publicando, em 1897, sua **Viagem aos trópicos brasileiros**. Lembrando que seu livro, embora não tenha ainda cem anos, é dos menos conhecidos e citados em nossa bibliografia de viajantes estrangeiros, sugeria a alguma editora que promovesse sua tradução e edição, não só pelo valor do livro, como também porque são raríssimos os livros de viagens escritos por mulheres e, mais ainda, uma princesa... E afirmava, para frisar a raridade do livro, que além de Luiz da Câmara Cascudo, só o encontrara referido na **Bibliografia do Rio de Janeiro**, de Paulo Berger.

Quando escrevi a referida nota, ainda não conhecia o livro de Levy Rocha intitulado **Viajantes estrangeiros no Espírito Santo**, publicado em Brasília, em 1971. Do autor, conhecia a edição comentada da viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo, publicada em 1960 na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro”. Mas, desconhecia completamente o valioso livro em que resume depoimentos de estrangeiros que escreveram sobre a terra capixaba, aliás sua terra. E é um seu coestadano, o cronista Rubem Braga, que, prefaciando o livro, ressalta o seu valor: “lendo-o, não apenas a gente aprende muita coisa, como tem vontade de saber mais, procurando os textos que ele cita”.

Pois bem: entre os textos que “ele cita”, encontra-se a desconhecida Teresa da Baviera, de cuja obra **Meine Reise in den Brasilianischen Tropen**, o sr. Levy Rocha conseguiu a tradução dos três capítulos que se referem ao Espírito Santo. O que a princesa escreveu não está propriamen-

te transcrito, mas resenhado de maneira bastante feliz no livro em questão. A viagem de Teresa Carlota ao Espírito Santo durou de 25 de agosto a 12 de setembro de 1888 e ocupa o capítulo final do interessante livro do escritor capixaba. Agora, posso, então, retificar o que escrevi em 1983, informando que, além de Câmara Cascudo e Paulo Berger, também o escritor Levy Rocha ocupou-se da princesa viajante. Mas continuo afirmando ser uma pena não termos seu livro na íntegra, o que viria muito enriquecer a bibliografia de viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil. E continuo oferecendo a sugestão às editoras eventualmente interessadas.

Os outros viajantes de que trata Levy Rocha já são mais conhecidos e suas obras estão traduzidas: Saint-Hilaire, Tschudi, Biard, Freyreiss, Maximiliano, Sellow, Descourtilz e Hartt. Mas o fato de já as possuímos em nossa língua não tira nenhum mérito ao livro do autor espírito-santense (12-6-1985).

*

129. A MORTE DE PEDRO CALMON

Com a morte de Pedro Calmon no último dia 17, perdeu o Brasil um dos seus maiores historiadores. Foi chocante a pouca atenção que a Imprensa de São Paulo deu à ocorrência, procedimento que foi verberado, aliás com muita propriedade, pelo professor Miguel Reale na última sessão da Academia Paulista de Letras. Nascido na Bahia, em 1903, completaria 82 anos em dezembro, dos quais, mais de sessenta vividos no Rio de Janeiro, onde se desenvolveu toda a sua carreira, na política, no magistério, na administração, na vida acadêmica e na pesquisa histórica. Professor catedrático de Direito Constitucional da Faculdade de Direito da antiga Universidade do Brasil, reitor desta Universidade por muitos anos, ministro da Educação, deixou magnífica folha de serviços ao ensino no Brasil, participando, quando ministro, da instalação de diversas universidades pelo País afora, inclusive a Católica de Campinas, na qual proferiu a lição inaugural.

Era o mais antigo membro da Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1936, na vaga de Felix Pacheco. Extremamente dedicado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, foi seu presidente por quase vinte anos, desde a morte de Macedo Soares, em 1968. (Lembre-se, de passagem, que no tradicional sodalício fluminense a presidência é vitalícia).

Sua imensa produção, abrangendo a história, o direito e a literatura, teve início ainda na década de 20, quando, jovem de pouco mais de

vinte anos, publicou uma história de seu Estado, um livro de contos e um estudo sobre as bandeiras baianas. Desde então, avolumou-se consideravelmente sua bagagem literária, com mais de cinquenta volumes, além do que deixou esparsos em revistas culturais, notadamente na do Instituto Histórico Brasileiro. Embora de natureza desigual — o que é inevitável em quem escreve muito — Calmon deixou obras que constituem marcos significativos da bibliografia histórica brasileira. Entre muitas, as duas séries de **História do Brasil** (uma em cinco volumes para a coleção “Brasiliana”, outra em sete, para a Editora José Olympio), a **História Social do Brasil**, a **História de D. Pedro II**, a trilogia sobre nossos monarcas (**O Rei do Brasil**, **O Rei Cavaleiro e o Rei Filósofo**), biografias de figuras ilustres de nosso passado: Anchieta, Vieira, Isabel, Castro Alves, Marquês de Abrantes, Barão de Loreto; uma **História da Independência do Brasil** e outra da Literatura Baiana e ainda a magnífica **História da Casa da Torre**.

Não era autor de leitura fácil pelo exagerado rebuscamento de seu estilo. Mas, a compensar isto que, na realidade, era um traço de sua personalidade, havia em Pedro Calmon, e com grande evidência, aquilo que a historiografia moderna mais reclama: a indicação correta das fontes, como respaldo de tudo quanto escrevia. (26-6-1985)

*

130. INFLUÊNCIA DE PEDRO CALMON

Em nota anterior, procurei suprir o que deveria ter sido publicado pela Imprensa de nossa terra quando do falecimento de um dos nossos maiores historiadores. Gostaria de complementar o que então escrevi recordando alguma coisa de natureza muito pessoal. Meu relacionamento com Pedro Calmon não foi grande: encontros ocasionais em congressos de que participamos, conferências suas a que compareci, quase todas brilhantes, pois foi, em certa época, um dos maiores oradores brasileiros. Pouco mais que isso. As duas últimas vezes em que compareci ao Instituto Histórico não tive o privilégio de encontrá-lo: numa, andava por terras lusitanas; noutra, encontrava-se acamado. Guardo, na memória e no coração, as palavras amáveis que me dirigiu quando de minha posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Todavia, se pouco conheci o homem, posso gabar-me de um razoável conhecimento de sua obra, cujo aparecimento acompanhei sempre com muito interesse. Era ainda menino de ginásio, quando li **Pedras d'Armas**, aliás seu primeiro livro, e que me fora oferecido pelo hoje ilustre

jurista desembargador Antônio Rodrigues Porto, na época meu colega de curso secundário no Ginásio “Guedes de Azevedo”, de Bauru, isto lá por 1929 ou 30. Pela mesma ocasião, li sua **História da Bahia**, publicada numa coleção de histórias estaduais lançada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo.

Foi, porém, a partir de 1933 que Pedro Calmon começou a influir em minha formação. Naquele ano apareceu, como um dos primeiros volumes da coleção “Brasileira”, sua **História da Civilização Brasileira**. O livro me empolgou, embora fosse apenas um adolescente concluindo o curso ginásial. Encontrei nele o que desejava: não uma simples “História do Brasil” (como tantas havia), mas uma “História da Civilização Brasileira”. A diferença é muito grande e nesta diferença, que me foi acenada pela primeira vez pelo pequeno livro de Pedro Calmon, julguei encontrar a diretriz para os estudos que vieram a ser dominantes em minha carreira de professor e escritor de História. Disse-o de público – inclusive a ele próprio – quando, ao encerrar-se um congresso de História em Juiz de Fora, em dezembro de 1970, tive o privilégio de saudá-lo.

Embora algumas vezes, em livros posteriores, viesse a discordar do mestre, a influência de sua orientação marcou muito meus estudos, tornando-se o ponto de partida do pouco que consegui realizar em minha modesta carreira de professor. Sempre o proclamei – como fiz na reunião de Juiz de Fora – e é com verdadeira emoção que o recorde agora, nesta palavrinha de saudade ao mestre que se foi. (3-7-1985)